

ENTRE O ESVANECER E A PERMANÊNCIA: A PINTURA COMO REELABORAÇÃO DO LUTO

VERÔNICA RIBEIRO DAS NEVES¹; CLÓVIS VERGARA DE ALMEIDA MARTINS
COSTA²

¹Universidade Federal de Pelotas – rneves.ve@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clovismartinscosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo pictórico sobre memória, luto e efemeridade, desenvolvido entre 2024 e 2025. As pinturas produzidas buscam investigar de que forma a arte pode preservar memórias afetivas e imagens pessoais, tensionando o que se esvai com o tempo e o desejo de permanência.

A memória humana, por natureza fragmentada e instável, encontra na pintura uma possibilidade de fixação simbólica, ainda que sempre parcial. Ao transformar lembranças em cor e forma, a prática artística se propõe como um esforço de preservação, mas também de ressignificação, permitindo que a transitoriedade se converta em matéria estética.

A reflexão se apoia em autores como BOSI (2006) e BERGSON (1999), que entendem a memória como processo ativo de reconstrução. Além da dimensão pessoal, o projeto dialoga com a memória coletiva, considerando o papel da arte na construção de identidades sociais e culturais. O objetivo, portanto, é compreender a pintura como meio de enfrentamento do tempo, transformando perdas e lembranças em experiência compartilhável.

2. METODOLOGIA

A produção das obras foi fundamentada no uso de fotografias pessoais como referência. Mais do que reproduzir imagens, o processo envolveu uma aproximação afetiva, em que cores, texturas e gestos pictóricos foram definidos pela carga emocional de cada lembrança.

Optou-se pela tinta a óleo sobre papel, material escolhido tanto por sua versatilidade técnica quanto por seu valor simbólico. A lentidão da secagem possibilitou a construção gradual das camadas, em sintonia com a natureza processual da memória. O uso do papel de alta gramatura buscou reforçar a resistência falha contra a transitoriedade.

As sessões de pintura foram conduzidas sem esboços prévios, em fluxo criativo contínuo. Não houve limpeza de pincéis ou espera pela secagem, permitindo a fusão espontânea das cores. Esse gesto buscou refletir o caráter impreciso e entrelaçado das lembranças, que raramente se apresentam de forma isolada.

A paleta, marcada por cores evocativas, foi definida intuitivamente a partir das sensações ligadas às memórias. A estética resultante se caracteriza por pinceladas borradas, formas difusas e texturas densas, que representam tanto a fragilidade quanto a persistência da lembrança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados se materializam nas séries de pintura intituladas “Entre Bem-me-queres e Balões Surpresa” (composta por 10 trabalhos em formatos variados (de 8x8 cm a 11x13 cm) e “Entre Discos de Vinil e Picolés de Abacaxi” (4 obras de 8x10 cm). As obras revelam a tensão entre o desejo de preservação e a inevitável dissipação da memória.



Verônica Neves. “Entre Bem-me-queres e Balões Surpresa” (série), 2024. Óleo sobre papel, tamanhos variados. (Fonte: arquivo pessoal)

As pinceladas imprecisas, a sobreposição de cores e as formas pouco nítidas simbolizam o caráter fugaz das recordações. Ao mesmo tempo, a densidade da tinta e a materialidade do suporte resistem à fragilidade do esquecimento. Essa contradição reflete a luta constante entre memória e tempo.

O gesto pictórico assume também uma dimensão ritual, em que cada pintura não apenas representa, mas se transforma em uma nova memória. O processo criativo, ao se abrir para imprevistos e acidentes da matéria, traduz a natureza fluida das recordações, sempre em transformação.

Além do aspecto individual, o trabalho suscita reflexões sobre a memória coletiva. As imagens pessoais, quando transpostas para a pintura, conectam-se a experiências comuns, instaurando um elo entre o íntimo e o cultural. Assim, a pesquisa amplia o entendimento do papel da arte como mediadora entre perdas individuais e vivências compartilhadas.

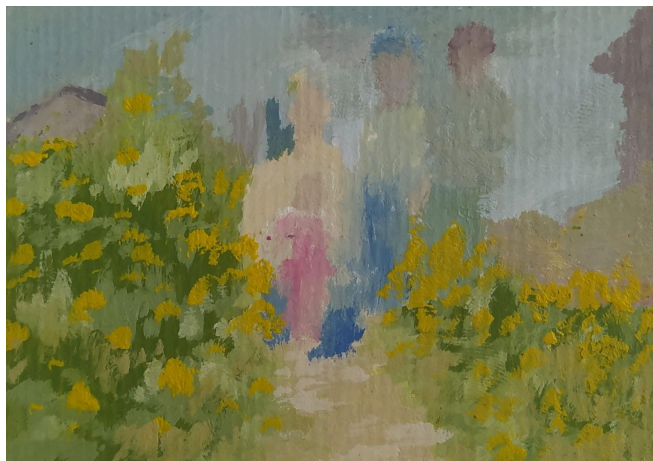


Figura 19. Verônica Neves, “Campo de Bem-me-queres”, 2024. Óleo sobre papel, 10 cm x 7,5 cm.
(Fonte: arquivo pessoal)

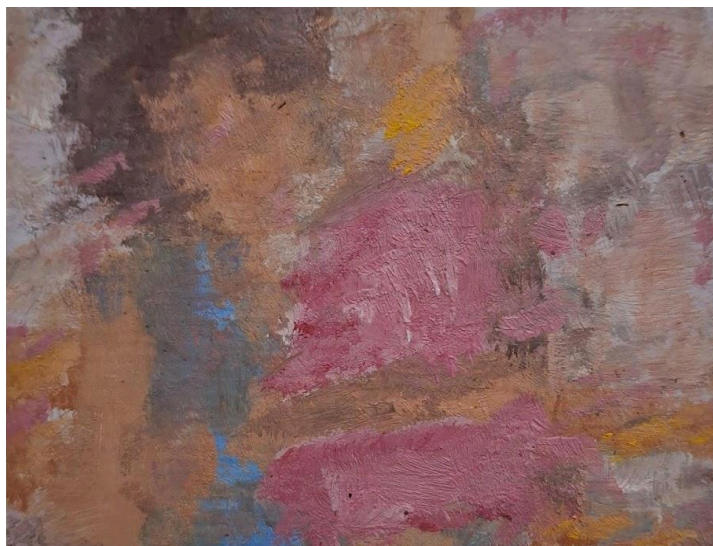


Figura 29. Verônica Neves, “Picolé de Abacaxi”, 2025. Óleo sobre papel, 10 cm x 8 cm.
(Fonte: arquivo pessoal)

4. CONCLUSÕES

O estudo aponta que a pintura, ao lidar com memórias e luto, atua como um gesto de resistência contra o esquecimento, transformando o efêmero em permanência simbólica. Mais do que registrar lembranças, a prática se configura como reinvenção, convertendo fragmentos do passado em narrativas visuais abertas à contemplação.

Reconhece-se, no entanto, a necessidade de aprofundar o diálogo entre prática e teoria. Leituras de autores que discutem memória e tempo e a análise de artistas que exploram o tema poderão enriquecer a pesquisa. Do mesmo modo, a continuidade da produção pictórica permitirá amadurecer procedimentos e explorar novas camadas estéticas.

Dessa forma, o trabalho não se encerra como ponto de chegada, mas como processo contínuo, em que prática e reflexão se alimentam mutuamente. A

pintura emerge, assim, como meio de eternizar o efêmero e de transformar o luto em potência poética e coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIOCCO, Isabelle Kircher. Ruídos da imagem: construções pictóricas a partir de memórias familiares video-fotográficas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. 13 a ed. São Paulo: Schwarcz S.A., 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A pintura encarnada. A obra-prima desconhecida / Honoré de Balzac; tradução de Osvaldo Fontes Filho e Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Escuta, 2012.

DIEGUES, Isabel (org.); COELHO, Frederico (org.). Pintura brasileira século XXI. Tradução para o inglês: Renato Rezende. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.